

STAR TREK SUBURBANA: VÁRIO DO ANDARAÍ E O DIÁRIO DE BORDO DE SUA ENTERPRISE, A VIATURA 055

SUBURBAN STAR TREK: VÁRIO DO ANDARAÍ AND THE LOGBOOK OF HIS ENTERPRISE, THE 055 CAB

Cristiano Otaviano¹
Rogério de Souza Sérgio Ferreira²

RESUMO

Na análise de textos literários ambientados no presente, mas que incluem questões vinculadas a algum tipo de tecnologia, muitos estudos recorrem a comparações com obras ou autores do passado, que tratam de situações anteriores que estas mesmas ferramentas modificaram. Apesar da evidente riqueza dessa perspectiva, o presente artigo propõe o acréscimo de outro olhar, que se volta para a extração imaginária de tais tecnologias produzida pela ficção científica. Assim, para pensar a obra de Vário do Andaraí – taxista que, para relatar as experiências que acumula ao guiar seu carro pelas ruas do Rio de Janeiro, criou um blog literário e posteriormente publicou o livro *A máquina de revelar destinos não cumpridos* – far-se-á um paralelo com as narrativas futuristas da saga *Star Trek*, que também têm veículos como elementos centrais: as naves da Frota Estelar. O trabalho também será ancorado nos textos de Baudelaire a respeito do *flâneur* e nas reflexões de Walter Benjamin sobre as diferenças entre *limiares* e *fronteiras*. Buscar-se-á, com o auxílio de autores como Marshall McLuhan, refletir sobre a estreita relação entre esses dois últimos conceitos e a experiência da *flânerie*, considerando de que modo ambos são influenciados pelas transformações tecnológicas e pelo ritmo acelerado da modernidade.

Palavras-chave: *flâneur*; fronteira, limiar, ficção científica.

ABSTRACT

In the analysis of the literary texts set in the present with issues related to some type of technology, several studies take advantage to comparisons with works or authors from the past who deal with previous situations in which these same tools changed. In spite of the richness of this perspective, the present paper suggests another look into the subject, that turns to the imaginary extrapolation of such technology produced by science fiction. Therefore, in order to reflect upon Vário do Andaraí's works – taxi driver who, to report the experiences he goes through while driving his cab in the streets of Rio de Janeiro, created a literary blog and later published the book *The machine to*

¹ Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Professor Associado do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Docente Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Letras: Teoria Literária e Crítica da Cultura da UFSJ.

² Doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Professor Titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFJF.

reveal unfulfilled destinies – a parallel with the futuristic narratives of the *Star Trek* saga will be done since they also have vehicles as central elements: the Starfleet Ships. This work will also be based in the texts of Baudelaire about the *flâneur* as well as the thoughts of Walter Benjamin regarding the differences between *threshold* and *frontier*. Finally, with the support of authors like Marshall McLuhan we shall reflect on the close relationship between these last two concepts and the experience of *flânerie*, considering how both are influenced by technological transformations and the accelerated pace of modernity.

Keywords: flâneur, frontier, threshold, science fiction.

Introdução

Motor Mania é um célebre desenho animado da Disney lançado em 1950. Dublado em português, este *cartoon* faria parte da infância de milhões de brasileiros, que o assistiram pela TV nas décadas seguintes. Nele, o Pateta encarna Mr. Walker, um pacato morador de uma cidade norte-americana. Extremamente calmo e cordial, este homem, no entanto, se transforma num maníaco desequilibrado, Mr. Wheeler, quando assume o volante de seu automóvel.

Trata-se de um fenômeno perturbador. Um caminho para entendê-lo pode ser encontrado nas páginas de Marshal McLuhan, quando ele descreve, em *Os meios de comunicação como extensões do homem* (2003), as tecnologias como próteses que remodelam nossos corpos, mudam nosso sensório, afetam nosso sistema nervoso. Nos transformam, enfim, num novo ser, híbrido entre a base biológica e o acréscimo técnico.

Na mesma direção, em *Nós, robôs* (2011), Mark Stephen Meadows descreve – a partir de filmes de ficção científica – diversos experimentos que estão sendo desenvolvidos no sentido de expandir as potencialidades do corpo humano através de incrementos tecnológicos, o que apontaria para o conceito de ciborgue. Tais reflexões são evidentemente relevantes. No entanto, se algo podemos apreender da leitura de McLuhan é que, no momento em que ligamos nossos aparelhos de TV, acessamos nossos *smartphones* ou damos a partida em nossos automóveis, já nos transformamos em ciborgues. Realidade genialmente condensada pelos roteiristas da Disney em uma animação de TV, há setenta anos.

Tal constatação aponta para um caminho de reflexão potencialmente interessante e, ao que parece, pouco explorado nos estudos de literatura comparada. A construção de paralelos analíticos entre obras que representam os efeitos da tecnologia no mundo

contemporâneo e obras de ficção científica que partem de uma extração futurista da mesma tecnologia para contar histórias que só são possíveis graças a ela.

Um indício de que esse caminho é promissor pode ser visto na quantidade de artigos que tomam como parâmetros fenômenos (ou publicações) de um passado mais distante para falar sobre obras literárias contextualizadas no século XX ou XXI. Exemplo claro – também focado no automóvel – está na introdução de uma das traduções brasileiras de *On the road* (Kerouak, 2004). Lá, encontramos Eduardo Bueno construindo o seguinte paralelo a respeito daquela que, para muitos, é a mais importante obra da geração *beat*:

Ao tirar a literatura do escritório e jogá-la na estrada e na sarjeta, nos atalhos e nos becos, Kerouak vinculou-se à venerável tradição dos “romances em movimento” (...), esforçando-se para capturar o espírito nômade dos velhos pioneiros americanos, partindo do “Leste da minha juventude para o Oeste do meu futuro” – só que, em vez de carroções, usando um Cadillac (quase roubado). Ou o dedão. Jack Kerouak seguiu o sol na rota do poente (Bueno in Kerouak, 2004, p. 18)

A perspectiva de Bueno é acertada. Ainda que o objetivo dos imigrantes fosse diverso do grupo de jovens que ansiava por aventuras, eles trilhavam as mesmas rotas. No entanto, é preciso lembrar que também os autores de ficção científica lançaram esse olhar para trás, para a tradição, ao escreverem suas obras. Diversos são os casos. O mais conhecido talvez seja a manifesta referência a Homero que Arthur C. Clarke (2013) faz no título de *2001: uma odisséia no espaço*.

Uma pista claramente adequada ao nosso debate pode ser encontrada nas origens da mais longeva franquia de ficção científica da história da TV, *Star Trek*. Em um guia sobre a saga, Salvador Nogueira e Suzana Alexandria revelam que, para criá-la, Gene Roddenberry se inspirou noutra série, que retratava o mesmo momento a que Eduardo Bueno recorreu ao falar sobre *On the road*:

Segundo suas próprias palavras [de Roddenberry], Jornada é um conceito “Caravana – construído em torno de personagens que viajam para mundos similares ao nosso e encontram a ação, a aventura e o drama que se tornam as nossas histórias”. Caravana (*Wagon Train*), famosa série *western* de TV exibida pelas redes NBC e ABC entre 1957 e 1965, contava as aventuras de uma caravana que cruzava os Estados Unidos, entre o Missouri e a Califórnia, no final do século 19. Jornada nas Estrelas seria como uma “Caravana para as estrelas” – em vez de carreiras e cavalos, o meio de transporte seria a nave estelar

(...). Em vez de revólveres, armas de raio. (Nogueira, Alexandria, 2016, p. 12)

Carruagens, cavalos, naves, revólveres, raios. Extremos tecnológicos, ambientados no ontem e no possível amanhã, servem de suporte para contar histórias. Por que não utilizá-los para melhor entender as narrativas que falam dos dias atuais? A tentativa de trilhar tal caminho é a proposta deste artigo.

Nele, o objeto central é o trabalho de Vário do Andaraí, pseudônimo do carioca Elder Antônio de Mendonça Figueiredo. Taxista no Rio de Janeiro, Elder criou em 2009 um blog literário, com o propósito de narrar as experiências que acumula guiando a Viatura 055 pelas ruas da “Cidade Maravilhosa”. A proposta funcionou tão bem que, ainda naquele ano, deu origem a um livro – *A máquina de revelar destinos não cumpridos* (Andaraí, 2009) – que conquistaria o segundo lugar no Prêmio Jabuti de 2010.

Evidente herdeiro de diversos narradores que se propuseram a contar o cotidiano das grandes metrópoles modernas – como Baudelaire ou, citando alguém que caminhou em muitas das ruas onde a Viatura 055 traça seu curso, João do Rio – Vário do Andaraí revela a cidade em que vive a partir de um ponto de vista específico, pois as experiências que transforma em crônicas e outros textos são acumuladas quando está na direção de um automóvel.

Certamente, o enredo das histórias que narra sofre influência, por exemplo, do fato de que ele tem muito mais tempo para absorver informação a respeito dos passageiros do que das pessoas que transitam nas ruas. Essas últimas, muitas vezes, se resumem a paisagens que rapidamente desaparecem no horizonte.

Mas, se – no ponto de vista da Viatura 055 – as pessoas que caminham na rua são paisagens que desaparecem no horizonte, o que dizer dos oficiais da Frota Estelar, abrigados na ponte da *Enterprise*? Viajando em velocidades inimagináveis, o que passa rapidamente no horizonte para eles são as estrelas. O que o enredo e os personagens de *Star Trek* têm a nos ensinar para entendermos melhor a narrativa construída por Vário do Andaraí?

Um *flâneur* no limiar do “não-eu”

Se Gene Roddenberry, antes de olhar para o futuro, alicerçou-se no passado reconstruído por *Wagon Train*, é seguro que sigamos percurso semelhante. Assim, como

dito acima, vale lembrar que, nas origens da tradição de cronistas da vida urbana que desemboca em Vário do Andaraí, está Charles Baudelaire.

Testemunha das transformações pelas quais Paris passava devido à reforma urbana promovida pelo prefeito Georges-Eugène Haussmann na segunda metade do século XIX, Baudelaire foi pioneiro em diversas coisas. A mais importante, talvez, tenha sido perceber que as multidões colocadas em contato pela metrópole eram tão heterogêneas quanto as paisagens distantes descritas nas narrativas de viagem. A tal ponto que, no percurso de algumas ruas ou bairros, era possível acumular experiências que antes demandavam grandes jornadas.

Das potencialidades nascidas dessa riqueza surge o *flâneur*. Personagem-narrador que caminha em meio à multidão, Baudelaire (1997, p. 21, grifos do autor) o resume ao dizer que o *flâneur* “é um *eu* insaciável do *não-eu*”. Analisando a obra do poeta francês, Walter Benjamin aponta o espaço onde ocorre tal busca pelo “não-eu”:

A rua se torna moradia para o *flâneur* que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes. Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivaninha onde apoia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho, observa o ambiente. (Benjamin, 1989, p. 35)

Falando em Benjamin, o filósofo alemão, num dos aforismos reunidos nas *Passagens* (2009) – termo que evidentemente remete ao papel da via pública como percurso de pessoas e signos – introduz um conceito que pode enriquecer muito o debate aqui esboçado, ao afirmar que “o limiar [*Schwelle*] deve ser rigorosamente diferenciado de fronteira [*Grenze*]. O limiar é uma zona” (Benjamin, 2009, p. 535). Em *Limiares* (2013, p. 121), João Barrento elucida: “o limiar é uma linha (...) de passagens múltiplas, a fronteira é uma linha única de barragem, num caso mais traço de união, no outro de separação; enquanto a fronteira é muitas vezes apenas um lugar burocrático, o limiar é o lugar onde fervilha a imaginação”.

Ora, se Baudelaire vê no *flâneur* um eu que busca avidamente pelo não-eu, na rua é que, por excelência, se desenham os limiares ideais para esse encontro. Na verdade, pode-se dizer que há algo na natureza da *flânerie* que quer transformar em limiar até aquilo que é sólido como uma fronteira. Um exemplo está em “Os olhos dos

pobres”, um dos poemas em prosa reunidos por Baudelaire em “O esplim de Paris” (2010). No texto, o narrador é um homem que está sentado, em companhia da namorada, em frente a uma das mesas de um dos muitos cafés que surgiram nos bulevares abertos por Haussmann.

Quando tudo em volta constrói um clima alegre (mesmo que simulado) surge na vitrine, em frente ao casal, uma família de miseráveis, que olha embevecida para o que ocorre no café. O homem – num texto direcionado à mulher – narra a forma como ambos são influenciados pela cena:

Não apenas estava enternecido com essa família de olhos, mas também me sentia um pouco envergonhado com nossas taças e garrafas, maiores que nossa sede. Eu dirigia meus olhares aos seus, meu amor, para ler neles *meu* pensamento, eu mergulhava nos seus olhos tão lindos e bizarramente doces, nos seus olhos verdes habitados pelo Capricho e inspirados pela Lua, quando você me disse: “Essas pessoas são insuportáveis com seus olhos abertos feito o portão da cocheira! Você não poderia pedir que o dono do café que as enxotasse daqui?” (Baudelaire, 2010, p. 75)

A reação dos amantes não podia ser mais diversa. Enquanto a mulher quer demarcar uma fronteira, o homem (ainda que se possa ver, nele, uma certa hipocrisia) quer se abrir para um limiar. Essa última busca – por construir pontes – permeia todo o livro. São múltiplas as narrativas nas quais Baudelaire descreve os mais diferentes encontros, frutos de um desejo que ele esclarece em *As multidões*:

O passeador voluntário e pensativo tira uma singular embriaguez dessa comunhão universal. Aquele que integra facilmente a turba conhece os prazeres febris de que eternamente serão privados o egoísta, fechado como um cofre, e o preguiçoso, internado feito um molusco. Ele adota, como se fossem suas, todas as profissões, todas as alegrias e misérias que as circunstâncias lhe apresentam. (Ibidem, p. 39)

Tal “comunhão universal” com a “turba” se torna muito mais difícil quando a narrativa se faz a partir de um veículo, seja ele um automóvel ou uma espaçonave. Nesse caso, mais do que a vitrine a separar os que estão dentro e os que estão fora, há o deslocamento, que, quanto maior a velocidade, mais reduz o tempo disponível para a construção de qualquer ponte significativa com o exterior. É o que analisaremos agora, ao observarmos o efeito que os veículos motorizados e a velocidade têm sobre os limiares.

A velocidade como fronteira

No mesmo fragmento em que diferencia o que seria o *limiar*, Walter Benjamin deixa uma advertência: “Na vida moderna, estas transições tornam-se cada vez mais irreconhecíveis e difíceis de vivenciar. Tornamo-nos muito pobres em experiências liminares.” (Benjamin, 2009, p. 535). É certo que o filósofo alemão se referia a mais coisas além dos limiares espacialmente constituídos. Mas, em relação a estes últimos, é evidente o papel que um fator tem para que eles se tornem “irreconhecíveis e difíceis de vivenciar”: a velocidade.

Quando Baudelaire caminha por Paris, ele não só se coloca ao alcance de uma experiência liminar junto a cada pessoa com quem partilha a via, como também vivencia os espaços de transição – que dividem/aproximam bairros, zonas comerciais e boêmias, prostíbulos e igrejas – com vagar e profundidade. Isso é impraticável para Vário do Andaraí.

Marshall McLuhan (2003, p. 250) diagnostica o motivo: “a conversa sobre o carro americano como símbolo de *status* sempre passou por cima do fato básico (...) que é a força do automóvel (...) transformando o pedestre num cidadão de segunda classe”. Lento, aparentemente chumbado numa mesma localização, o pedestre é só um elemento fugidio no cenário visto pelos motoristas. Assim, não é por acaso que, na leitura de *A máquina de revelar destinos não cumpridos*, observamos que a maioria dos textos se limita a citar um ponto de partida e outro de chegada, restringindo o enredo ao contato entre o piloto e seus clientes.

Porém, observando este contato, podemos encontrar, nas experiências relatadas por Vário, aspectos da *flânerie* baudelaireana. Por quê? Ora, se (como afirma João do Rio) “*flanar* é ir por ai, de manhã, de dia, à noite” (Rio, 2008, p. 11), é certo inferir que o taxista Vário do Andaraí, todos os dias, ao tirar a Viatura 055 da garagem, também sai “por aí”, também “flana”: ao sabor das chamadas pelo rádio, pelo telefone, pelo aplicativo. Ou daqueles que estendem a mão e solicitam seus serviços, a cada esquina.

Pode-se, com razão, argumentar em contrário, dizendo que ele não caminha em meio à multidão. Entretanto, vai – como um bom *flâneur* – sob a influência dos estímulos externos. E com uma vantagem: a possibilidade de (ao acaso, resultante da fortuna vária) pescar, aqui e ali, um desses destinos que caminham na multidão, para ter a chance de ver revelado um pouco do que nele se cumpriu ou não se cumpriu.

Também em *Star Trek*, muitas das histórias narradas são resultantes do contato dos tripulantes da *Enterprise* – ou de alguma das espaçonaves que deram nome às sequências que a série recebeu – com visitantes que a ela chegam. Há aqui, entretanto, um diferencial em relação ao trabalho de Vário do Andaraí: enquanto o taxista fica confinado à cabine de seu automóvel, os membros da Frota Estelar – materializando o formato de *western* espacial, proposto por Gene Roddenberry – comumente saem da nave se aventuram em diversos planetas.

Quando os personagens de *Star Trek* fazem isso, estão dando vida ao pequeno texto que – na voz do Capitão Kirk – abre cada episódio da série clássica: “O espaço, a fronteira final... Estas são as viagens da nave estelar Enterprise, em sua missão de cinco anos para explorar novos mundos, pesquisar novas vidas, novas civilizações, audaciosamente indo onde nenhum homem jamais esteve”.

Diante dessa introdução reiterada, somos tentados a ver, na criação de Roddenberry, contornos do que seria um hipotético futuro da *flânerie*. Isso porque, como bem aponta McLuhan (2003, p. 386), “os astronautas alteraram a relação entre o homem e o planeta, que agora dá a impressão de um bairro que a gente pode percorrer numa caminhada”. Mas, ainda que diversos episódios explorem o contato com o alienígena como uma experiência liminar, não podemos esquecer a inspiração no *western*: um movimento de expansão de fronteiras. A palavra fronteira, aliás, está explícita na primeira frase da fala de abertura citada.

Além disso, há outra “miragem tecnológica” que não podemos deixar de citar: o teletransporte. Inserido nos roteiros como uma solução para economizar com cenas de aterrissagens e decolagens, ele é, por natureza, a negação da distância e, portanto, a negação de qualquer limiar.

Feitas essas considerações e reservas, resta claro um ponto de ligação entre a série de Gene Roddenberry e os textos escritos pelo taxista carioca, que é o fato de que se produz, graças ao protagonismo do veículo, uma fragmentação no ambiente narrado, que se divide entre interior e exterior. Sendo que Vário do Andaraí, em muitos dos capítulos de seu livro, traça contornos muito tênues deste último (o exterior).

Há, no entanto, as exceções. Em *Cheio das razões*, o autor relata o dia em que um passageiro faz com que ele atravesse o Rio de Janeiro para comprar cigarros. O homem fala sobre cenas que ocorrem na rua e, no caminho, mexe com os pedestres.

Chegando ao destino final, o taxista descobre o que já desconfiava: o rapaz havia fugido de uma Casa de Repouso. Já *Um tributo* conta uma ocasião em que – enquanto, no aparelho de som do táxi, um CD com clássicos de Tom Jobim servia de trilha sonora – uma cliente habitual se deixa levar pelas belezas naturais da cidade e pede para que ele faça um percurso mais longo, protelando a chegada ao destino.

O mais das vezes, entretanto, o pedestre desaparece, como um inseto que passa rápido demais para que sua imagem possa ser capturada por uma câmera. Por outro lado, tal despersonalização ocorre também no olhar que este “cidadão de segunda classe” (ver p. 6) lança ao automóvel: “O carro tornou-se a carapaça, a concha protetora e agressiva do homem urbano e suburbano. Mesmo antes do Volkswagen, os observadores a cavaleiro na rua já notavam a semelhança dos carros com insetos de casca reluzente” (McLuhan, 2003, p. 254). Conforme as tecnologias de transporte evoluem, esse fosso só faz se alargar. É o que constata Paul Virilio em *A arte do motor*:

Os atuais progressos em matéria de transportes e transmissões serviram apenas para exasperar essa patologia imperceptível do deslocamento que não é mais do aqui até o lá, mas *do até o estar lá e não estar mais lá*. Da supressão do esforço físico da caminhada à perda sensório-motora dos primeiros transportes rápidos, alcançamos finalmente estados vizinhos da privação sensorial. Há uma grande distância entre os primeiros vagões de trem a céu aberto (...) e os trens de alta velocidade, a célula do supersônico, isolado do mundo exterior que no entanto ele atravessa com um ruído infernal. (Virilio, 1996, p. 78-9, grifos do autor)

“Privação sensorial”: estabelecendo uma diferença de velocidades cada vez maior, a tecnologia – enquanto empobrece as experiências liminares – traça, entre os habitantes da cidade, uma fronteira muito mais resistente do que aquelas demarcadas por obras de alvenaria. No caso do teletransporte imaginado em *Star Trek*, como visto, ela é absoluta, por ser a negação do próprio espaço. No trabalho de Vário, tal opacidade pode se reverter, mesmo que por pouco tempo. No instante em que o tráfego para ou no momento em que dois ou mais veículos, depois de se aproximarem, harmonizam suas velocidades. É o que ocorre em *Nós ota, mas não eca*, quando – por conta do trânsito – a Viatura 055 sincroniza por alguns instantes com uma Kombi Lotação:

Eu tinha deixado um pela-saco que durante toda a corrida, pra Niterói, reclamou da vida. (...)
Na volta, num sinal fechado, a tal Kombi emparelhou comigo, e o funk batidão, “Toma... totoma... totoma beijoquinha... Toma... totoma... totoma um na boquinha”, era um pilão esmagando tudo.

(Faço ideia do azedo lá dentro, porque o calor-domingão-duas-da-tarde-horário-de-verão era de fazer o capeta puxar o lenço...)

– Éééééé, piloto, nós... ota, mas não... eca!!!! – me gritou rindo, faltante de um dente, o papagaio pela janelinha lateral.

(Papagaio é aquele cara, geralmente um garoto, que vai na janelinha gritando o itinerário da lotada, o número de vagas restantes, e que cobra e faz o troco.)

Eu não ouvi direito o que ele gritou porque o funk bombava geral. (Andaraí, 2009, p. 51)

Quando o sinal abre, os carros se distanciam. Para se encontrarem novamente numa retenção, quilômetros depois. Enquanto a 055 fica numa fila mais lenta, a Kombi reaparece, na pista ao lado, que andava mais rápido: “Quando passou, pude ler, num adesivo enorme, colada no parabrisa traseiro, a tal frase que eu não tinha conseguido ouvir do papagaio: ‘NÓS CAPOTA MAS NÃO BRECA’” (Ibidem, p. 52).

“Nós capota, mas não breca”: num mundo em que os efeitos da industrialização sobre o clima geram debates acalorados, tal expressão, transformada em frase de para-choque e reiterada milhões de vezes, abre caminho para refletirmos um pouco sobre as potencialidades e riscos a que as tecnologias nos expõe. E para compararmos alguns aspectos da forma como elas são retratadas na obra de Vário do Andaraí e em *Star Trek*.

As máquinas e o destino

O texto que dá nome ao livro *A máquina de revelar destinos não cumpridos* traz a história de dois amigos de Vário, criadores de uma suposta engenhoca que informaria às pessoas o que teria acontecido se elas, nas muitas bifurcações que a vida apresenta, tivessem trilhado caminhos diferentes daqueles que escolheram. O autor primeiro coloca a “invenção” no nível de dispositivos imaginários, “como a máquina do tempo, a do teletransporte, e a do moto perpétuo” (Andaraí, 2009, p. 77), para depois afirmar, peremptório, que

(...) a máquina de revelar destinos não cumpridos existe. Se os seus laudos são acertados, aí é outra história. Eu considero que são, porque acreditar neste tipo de burla inocente, como aquelas que um sortilégo fazia nas antigas feiras de esquisitices, deixa a vida mais divertida. O Constantino e o Flash a montaram em sociedade. O Constantino entrou com a grana, comprando um microcomputador potente e uma antena parabólica, e o Flash entrou com seus conhecimentos de informática, ocultismo, astrologia, numerologia e tarô. (Ibidem)

Vário relata que, vez por outra, transporta os dois amigos – aos domingos, em bandeira 3 – em direção a algum lugar no subúrbio para que eles vendam laudos às pessoas. Depois de escolherem o local mais adequado (normalmente uma praça, com bom fluxo de pessoas) eles montam o dispositivo e aguardam a chegada dos fregueses, que não demoram. A cada um deles é feita uma série de perguntas que, depois, são inseridas na máquina:

Ao final, a antena parabólica plugada ao micro começa a rodar, procurando não sei que avantesmas na amplidão, o micro começa a ferver coisas lá dentro, entrecruzando dados e intuições, e, ao final, é emitido um laudo que diz como estaria a vida da pessoa hoje, caso ela tivesse tomado um caminho diferente do que tomou na bifurcação consultada do destino. A maioria sai satisfeita com o laudo – acho que isso atesta a fidedignidade da fraude. (*Ibidem*, p. 78)

Essa narrativa reitera o tom leve e jocoso de outras presentes no livro de Vário do Andaraí. No entanto, diversos textos que ele selecionou para compor a obra nos apresentam vidas que enfrentam grandes dificuldades para se adaptarem aos desafios que a metrópole impõe. São histórias de violência, solidão, dor, pobreza, morte. Que permitem aventar um sentido oculto para o título, quando a máquina que revela destinos não cumpridos, engolidos pelas engrenagens do mundo moderno, é, no fim, a própria Viatura 055.

Ampliando esta percepção, podemos nos perguntar: até que ponto o destino não cumprido a que Vário se refere pode ser o da própria cidade do Rio de Janeiro? Ou, extrapolando um pouco mais, o da civilização industrial da qual sua profissão surgiu? Pois os desafios que se acumulam no horizonte são tão grandes que, em um dos textos, ele se admira, olhando para o Rio de Janeiro: “O fato de a manhã vir toda manhã numa suposta ordem cotidiana é um milagre” (Andaraí, 2009, p. 47).

Essa sensação de destino não cumprido, ao olhar os resultados da modernização, ecoa um fenômeno muito mais profundo, que ganhou corpo durante o século XX: a crise do ideal do progresso, cujo cerne é resumido por Eduardo Subirats:

A libertação da indigência material [...] se converteu [...] num vazio slogan propagandístico diante da realidade institucionalmente complexa e não-transparente do desenvolvimento científico. [...] E aquela visão emancipadora da civilização com que o humanismo científico havia sonhado, desde a revolução copernicana dos céus até a concepção moderna do progresso, foi trocada pela perspectiva do ocaso da história e do homem. (Subirats, 1989, p. 37-8)

Logo, se o fato de construírem relatos a respeito das experiências que acumulam no comando de suas “naves” – Vário com os textos que “tarifa” em seu blog ou em seu livro, Kirk com seu “diário do capitão” – estabelece um ponto de aproximação entre o taxista e o oficial da Frota Estelar, é patente o abismo que separa os signos que dessas máquinas emanam. Enquanto, apesar da leveza que se salpica aqui e ali, a Viatura 055 transporta destinos e mais destinos sonhados e não cumpridos (talvez mais próximos, numa imagem de futuro, da nave de refugiados de *Battlestar Galactica* ou dos veículos utilizados pelas hordas de desesperados de *Mad Max*), o que se depreende da saga *Star Trek*? Se ficarmos tão somente dos nomes com que são batizadas as naves que protagonizam as séries – “Enterprise”, “Voyager”, “Discovery”... – é a imagem de uma humanidade triunfante que se encaminha para a conquista das estrelas.

Assim, não é de se estranhar que Adam Roberts, em *A verdadeira história da ficção científica*, aponte “a energia ingênua e o encanto um tanto desconcertado” (Roberts, 2018, p. 530) como marcas da franquia. De fato, as imagens de uma galáxia repleta de vida inteligente, da Federação – “uma comunidade interestelar dominada por humanos” (Ibidem, p. 529) – e de uma Terra paradisíaca, que foi capaz de superar as batalhas fratricidas e a fome, compõem um quadro para lá de otimista.

No entanto, para uma compreensão coesa, é fundamental não esquecer que, no universo criado por Gene Roddenberry, essa Terra é a que foi reconstruída pelos sobreviventes de uma Terceira Guerra Mundial. Um conflito que, conforme a narrativa, viria a dizimar boa parte da população do planeta em meados do século XXI.

Concretizaremos o porvir anunciado por *Star Trek*, se possível evitando essa guerra? Ou vergaremos todos sob o peso de nossas máquinas, deixando para aqueles que porventura aqui aportarem os resquícios enferrujados de nossa jornada incompleta, testemunhos do magnífico destino que almejamos, mas não fomos capazes de construir?

Enquanto, na viagem fantástica que dividimos, nenhum destes horizontes se consuma, a Viatura 055 continua sua epopeia pelas ruas do Rio de Janeiro. Como não tem em suas mãos uma nave estelar capaz de mudar o futuro da galáxia, Vário traz consigo uma regra: “humilda-te, piloto, que a pista é desconhecida e accidentada, e estás ficando velho, e não há recurso mnemônico mais que te faça recordar os nomes de todas as ruas e onde estão cada buraco e cada ralo aberto desta cidade tão desumana” (Andarai, 2009b).

Do que desistir, no que insistir?

Na história da ficção científica, muitos dos destinos anunciados acabaram não se cumprindo. O ano de 2001 já se foi há mais de duas décadas e – se hoje sabemos mais sobre os sistemas formados pelos planetas gasosos graças a uma ou outra sonda despachada para lá – ainda enfrentamos imensas dificuldades para enviar seres humanos além dos arredores da órbita terrestre. Quanto mais para realizar odisseias em direção a Júpiter ou Saturno, como imaginou Arthur C. Clarke (2013). Entretanto, com o surgimento dos *smartphones* e outros *gadgets*, além da expansão da inteligência artificial, os computadores influenciam tanto nas nossas decisões cotidianas que, em certas situações, fariam o *HAL 9000* corar de vergonha.

Aliás, a revolução da computação portátil, iniciada por Steve Jobs em 2007 com o lançamento do *iPhone*, já disseminava sementes – dois anos antes da primeira edição de *A máquina de revelar destinos não cumpridos* (2009) – de fenômenos que iriam impor dificuldades para o prosseguimento do trabalho criativo de Vário do Andaraí. Não somente pelo desafio econômico representado pela proliferação de aplicativos como o Uber, mas principalmente porque, quando o ciborgue formado pela união entre Vário e a Viatura 055 captura um cliente, este normalmente já é também um ciborgue, em que a parte humana está silenciosamente controlada pela parte maquinica, um *smartphone*. O que abre a dúvida se, após tantas idas e vindas entre passado e futuro, a *Skynet* finalmente aprendeu a lição e mudou de tática, decidindo exterminar nosso futuro não por uma grande explosão, mas através de bilhões de implosões controladas.

Enfim, seja qual for o desafio, há algo no percurso de Vário que pode nos ensinar uma lição essencial para tempos em que o que é sólido desmancha no ar: um destino não cumprido abre a oportunidade para construirmos outro destino:

(...) fiz de quase tudo na vida, sem contudo ir ao cabo de nada: de boleiro a programador de computador, de músico a quiosqueiro à beira-mar, de analista de sistemas a técnico de pirotecnia a frio. Logrei-me de tudo. Falhei em tudo. Continuo acertando e hei de perseverar no erro. (...) Assim posto, agora erro pelas ruas: tornei-me taxista. (Andaraí, 2009, p. 10).

Antes de apresentar este currículo resumido, Vário se diz “da têmpera dos desistentes” (*Ibidem*). Pode-se também afirmar, com justiça, que ele é da têmpera dos insistentes. Insistentes ao ponto de desistir de um projeto – quantos morrem abraçados a

escombros, chorando a queda de um sonho outrora acalentado? – e insistir em si mesmos: encontrando, construindo, cavando um novo caminho.

Até porque, na roda de constantes transformações que a civilização industrial produz, há também renascimentos. Naquele que talvez seja o mais tocante dos capítulos de *Tudo que é sólido desmancha no ar*, Marshall Berman (2007) descreve a desolação com que assistiu ao surgimento de uma autoestrada que atravessou o coração do bairro em que viveu sua infância, o Bronx, em Nova Iorque: “Dez minutos nesta estrada, um suplício para qualquer pessoa, são especialmente horríveis para aqueles que relembram o Bronx como costumava ser” (Berman, 2007, p. 340).

Por diversas páginas, o filósofo descreve a decadência trazida pela obra: empobrecimento, falências, violência, emigração. Depois disso, entretanto, Berman revela os movimentos de resistência, as estratégias de renascimento, a vida que – a custo de muito suor e luta – começou a renascer:

Descrevi o Bronx de hoje como um cenário de desastre e desespero. Sem dúvida, tudo isso está presente, mas há muito mais. Saia da via expressa e dirija-se a cerca de um quilômetro e meio para o sul, ou um quilômetro para o norte (...) e você encontrará quarteirões que dão a impressão exata dos lugares deixados há muito tempo, quarteirões que você considerava para sempre desaparecidos, que o fazem pensar se não está vendo fantasmas (...). Foi necessário o esforço mais extraordinário para resgatar da morte essas ruas comuns, para iniciar a vida cotidiana a partir do nada. (Berman, 2007, p. 404-405)

Com sorte, em lugares como este, talvez possamos encontrar, perambulando pelas ruas, resgatado da morte, o fantasma reencarnado de um *flâneur*.

Tais reflexões, entretanto, não devem motivar um otimismo ingênuo. Nas engrenagens instáveis da civilização surgida após a Revolução Industrial, a redução dos danos causados por processos pervertidos custa tempo e esforço extraordinários. Por outro lado, aquilo que muitas vezes é aclamado pelo seu potencial renovador pode se converter num pesadelo. Limiares, por exemplo, podem virar um labirinto que nunca terminamos de atravessar:

As portas se escancaram, mas não podemos sair do lugar. De corredor em corredor, de limiar em limiar, de sala de espera em sala de espera, acabamos por esquecer nosso destino, o alvo que em algum momento tínhamos desejado. Esses limiares – lugares de transição – se transformam em lugares de detenção. As grandes questões – as questões sobre as passagens – ficam ali presas ao se transformarem em problemas administrativos, em problemas de gestão em que não há mais escolha, mas acomodação, gestão sobre vivos e mortos, sobre

corpos que vagueiam em limiares indefinidos e inchados, quase figurações do humano (Rizek, 2012, p. 34).

Qualquer um que teve de enfrentar a necessidade de – junto a empresas ou repartições públicas – buscar um direito através de plataformas digitais e/ou atendentes virtuais, tornando-se reféns de estratégias de procrastinação intencionalmente criados, entende as palavras de Slavoj Zizek. O labirinto virtual se soma e se antecipa ao labirinto real: a casa do Minotauro ganha um puxadinho que, virtualmente, não tem fim.

É preciso lembrar tais coisas para que possamos compreender o tamanho do desafio. Mesmo a alegoria otimista de uma humanidade protetora da galáxia contada por *Star Trek* só se fez minimamente verossímil ao dizer que essa humanidade é a dos sobreviventes de uma Terceira Guerra Mundial. Este é um ponto comum de diversas ficções futuristas: precisamos ser arrojados ao chão para enfim, de fato, levantar.

Mas, quem disse que caminhar para o amanhã seja fácil? Atravessar limiares significa abrir mão de algo. Olhar para trás, por um tempo, é útil. A longo prazo, nos torna inúteis. Estátuas de sal. Diante disso, Vário (2009, p. 14) nos indica abrir os vidros: “para ventilar geral e dar escape aos augúrios e calafrios”. De janelas abertas, focar no horizonte e encarar o sopro do destino. Audaciosamente indo para onde nenhum homem jamais esteve: o futuro.

Considerações Finais

Fernando Sabino insere, como epígrafe de *O Encontro Marcado*, um trecho de uma carta que recebeu de Hélio Pellegrino, onde se lê: “nascemos para o encontro com o outro, não para o seu domínio. Encontrá-lo é perdê-lo, é contemplá-lo na sua libérrima existência, é respeitá-lo e amá-lo na sua total e gratuita inutilidade” (Pellegrino *Apud* Sabino, 1981, p. 5). Eis o espírito que permite o surgimento de um *flâneur*.

Por outro lado, o mundo que se desenha no início de 2025 é marcado por um intensivo esforço de parte da humanidade no sentido de reiterar fronteiras e dificultar limiares. Muros e taxas distanciam os países, códigos de comportamento classificam e dividem as pessoas. Em diversos pontos do orbe, há muito eu desejando que o não-eu seja um espelho narcisista de si mesmo. Ou, entendendo-o diferente, que seja dominado. Em certas faixas, eliminado. Há muito eu que não quer flanar.

Entretanto, se algo pode ser depreendido das modestas reflexões aqui construídas, é que somente aprendendo a flanar em meio às diferenças a humanidade

terá um futuro. Se Vário já se assusta ao constatar que, na metrópole onde trabalha, a manhã continue a raiar, como podemos esperar um porvir tentando reiteradamente dominar o outro? Sendo que o constante devir tecnológico em que nos encontramos nos mostra que o outro – indivíduos, grupos que disputam espaço no interior das sociedades, países – será potencialmente cada vez mais poderoso, com armas mais e mais destrutivas?

O horizonte só se descortinará se abraçarmos a multiplicidade como riqueza, em vez de odiá-la como um risco. Não precisamos ser como o outro, mas podemos aprender com ele. No mínimo, respeitá-lo. Uma regra que vale para todos, já que há muito falso *flâneur* que não vê nada de valioso além da própria bolha narcisista.

É preciso leveza para construir o amanhã, é preciso flanar, pairar sobre a natural e rica diversidade humana. Caso contrário, cada vez maior será o risco de que a guerra prenunciada em *Star Trek* se materialize. E a guerra é, em si, a negação da *flânerie*: ninguém flana na guerra. Se houver um amanhã, dizem, os herdeiros da Terra serão os mansos. Porém, só é verdadeiramente manso quem se dispõe a perceber a libérrima existência do outro com os encantados, respeitosos e curiosos olhos de um *flâneur*.

Referências

- ANDARAÍ, Vário do. *A máquina de revelar destinos não cumpridos*. Belo Horizonte: Editora Dimensão, 2009.
- ANDARAÍ, Vário do. *A forjada cidadela*: Rio de Janeiro, 450 anos de sítio. Rio de Janeiro: Editora 055, 2015.
- ANDARAÍ, Vário do. *Homo Sum*. In: Blog Vário do Andaraí, 16 nov. 2009. Disponível em: <www.variodoandarai.com.br/index.html_p=1053.html>. Acesso em: 15 Jan. 2020.
- BARRENTO, João. *Limiares*: sobre Walter Benjamin. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.
- BAUDELAIRE, Charles. *O esplim de Paris: Pequenos poemas em prosa*. São Paulo: Martin Claret, 2010.
- BAUDELAIRE, Charles. *Poesia e Prosa*: volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras Escolhidas v.3)
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CLARKE, Arthur C. *2001: uma odisseia no espaço*. São Paulo: Aleph, 2013.
- HOMERO. *Odisseia*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Nova Cultural, 2002.
- KEROUAC, Jack. *On the road*. Introdução de Eduardo Bueno. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2003.
- MEADOWS, Mark Stephen. *Nós, robôs: como a ficção científica se torna realidade*. São Paulo: Cultrix, 2011.
- NOGUEIRA, Salvador, ALEXANDRIA, Suzana. *Jornada nas estrelas: o guia da saga*. São Paulo: Leya, 2016.
- RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Belo Horizonte: Garnier, 2008.
- RIZEK, Cibele Saliba. *Limites e limiares/corpo e experiência*. Redobra, Salvador, Universidade Federal da Bahia, v. 3, n. 10, p. 33-39, 2012.
- ROBERTS, Adam. *A verdadeira história da ficção científica: do preconceito à conquista das massas*. São Paulo: Seoman, 2018.
- SABINO, Fernando. *O encontro marcado*. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- SUBIRATS, Eduardo. *A cultura como espetáculo*. São Paulo: Nobel, 1989.
- VIRILIO, Paul. *A arte do motor*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

Recebido em: 29/10/2024

Aceito em: 19/04/225